

ECSTASY E LSD: DO CONSUMO AO TRÁFICO

Jovens das classes média e alta, antes consumidores, se tornam fornecedores de drogas sintéticas

PÁGINA A13



Do consumo ao tráfico de ecstasy e LSD



Drogas sintéticas, que são mais caras, estão sendo comercializadas principalmente por jovens das classes média e alta

FLAVIANE PAIXÃO

Eles são jovens solteiros, que residem com os pais e usufruem de boas condições socioeconômicas. Esse recorte de uma parcela da juventude brasileira que abrange uma classe mais abastada assumiu, em sua grande maioria, ser usuária de droga. A constatação desse perfil dos consumidores de substâncias ilícitas foi divulgada recentemente pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). No entanto, o que mais chama a atenção de especialistas em segurança pública é a inversão do consumo para a atividade do tráfico, já que essa linha tênue que separa ambos nem sempre fica bem definida para um dependente.

"Desde a década de 80, quem sempre consumiu drogas no país foram aqueles que possuíam melhores condições. A diferença agora é que os jovens das classes média e alta começaram a traficar, principalmente as drogas sintéticas, que são mais caras", analisa o pesquisador do

Núcleo de Estudos Sóciopolíticos da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), o professor Robson Sávio Reis. Esse tipo de entorpecente, como o ecstasy e o LSD, é produzido por meio químico e a maioria tem efeito alucinógeno.

No último dia 6, a Polícia Federal fez a maior apreensão de drogas sintéticas na capital. Foram 5.000 comprimidos de ecstasy e 475 micropontos de LSD encontrados com cinco rapazes de 20 a 25 anos, dois deles universitários. O grupo confessou que revenderia o produto em festivais de música eletrônica, conhecidos como raves. "O tráfico saiu do morro e suas pernas estão aparecendo no asfalto, atingindo quem antes era protegido pela própria sociedade e Estado. Aquele que sempre sofreu com a criminalização foi o pobre, e não o rico."

As drogas sintéticas não foram citadas pelos entrevistados na pesquisa da FGV, chamada O Estado da Juventude: Drogas, Prisões e

Acidentes. As declarações de consumo se restringiam à maconha, lança-perfume e cocaína. Segundo o levantamento, 86% dos consumidores possuem entre 10 e 29 anos. A maioria é do sexo masculino (99%) e de cor branca (85%). Quanto à fatia econômica, 62% estavam inseridos na classe A e 80% moravam com os pais.

O levantamento foi baseado na Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF 2003) do IBGE. O universo de pessoas que contribuiu para o estudo foi de 182 mil. A coordenadora adjunta do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo, Nancy Cardia, destacou uma certa predileção da elite pelo uso das drogas sintéticas. Mas ela ressalta a dificuldade em ter divisões radicais nos papéis de usuário e traficante quando se envolve um dependente. "Essa separação fica nebulosa em vários momentos, pois há usuários que traficam para fazer dinheiro e sustentar o vício."

Promotor diz que lei favorece produtor de grandes eventos

O dono ou responsável por um estabelecimento comercial que fosse conivente com a venda de drogas em seu imóvel poderia ser processado no país pelo crime de tráfico. Mas essa situação ficou mais difícil depois que a Lei de Tóxicos nº 11.343/06 entrou em vigor no ano passado. Segundo o promotor Jorge Tobias de Souza, da 13ª Promotoria de Justiça/Juízo de Tóxicos da capital, essa alteração dos parâmetros legais diminuiu as formas de cobrança que o Poder Judiciário tem para exigir medidas mais rigorosas no controle. "Ela impediu o enquadramento como tráfico. Houve uma falha do legislador", disse.

Na lei anterior, aquele que consentisse sobre a utilização do local de sua propriedade, posse, administração, guarda ou vigilância para consumo indevido de entorpecente ou tráfico poderia ser preso e a pena variava de três a 15 anos. Hoje, conforme o promotor, o crime seria de auxílio à atividade criminosa, o que reduz a pena de reclusão para um a três anos. "Ainda temos que comprovar que a pessoa teve vontade em ajudar no delito." Souza defende mais atuação da polícia nas raves. "Essas festas são de grande porte e a polícia tem suas limitações. Mas é necessário fazer o levantamento nas festas e chegar até o fornecedor", disse. (FP)

Polícia e Juizado devem fiscalizar festa

A região metropolitana de Belo Horizonte será sede no próximo dia 30 do que é considerado pelos organizadores o maior evento de música eletrônica do mundo. E para coibir o consumo de drogas no local, algumas medidas de segurança serão adotadas, como antecipou Otacílio Mesquita, um dos sócios da empresa responsável pela realização da festa. "Todos os frequentadores serão revisitados na portaria com o acompanhamento da Polícia Militar. Teremos ainda uma delegacia de plantão e a parceria com o Juizado da Infância e Juventude, pois não será permitida a entrada de menores", disse.

De acordo com Mesquita, como existe o estigma negativo da rave como espaço para uso de entorpecentes, ele afirmou ter como rotina os cuidados redobrados para impedir as substâncias ilegais no evento. "A triagem funcionará como inibidor do acesso do jovem com droga."

Mas é preciso frisar que a pessoa disposta a usá-la irá fazer isso em qualquer outro evento. Precisamos criar campanhas de conscientização para acabar com esses abusos", disse. (FP)

“É raro encontrar alguém que não usa nada em uma rave”

Há quem diga que uma rave só é completa se houver o consumo de ecstasy. E essa é a opinião de um jovem da capital, de 26 anos, formado em comércio exterior. Ele tem o hábi-

to de freqüentar esses festivais de música eletrônica há cerca de um ano, sempre sob o efeito do entorpecente. Segundo o jovem, que pediu para não ser identificado, a substân-

JORGE WILLIAM/AGÊNCIA O GLOBO - 24.6.2004

Comprimidos de ecstasy são vendidos em vários formatos e cores; desenhos também são diferentes



cia proporciona um pique "sobrenatural", suficiente para permitir que o corpo dance por horas a fio sem apresentar sinais de fadiga.

Apelidada de bala, o ecstasy é facilmente adquirido dentro dos eventos, como denunciou um outro rapaz morador da região Centro-Sul de Belo Horizonte. Fora da rave, os preços variam de R\$ 25 a R\$ 30, mas o valor pode dobrar se a pessoa optar por comprar na festa. Essa facilidade do consumo de drogas nos lugares onde as festas são realizadas veio à tona depois do recente episódio da morte de um menor de 17 anos, em uma rave realizada na região metropolitana do Rio de Janeiro. Outros 18 jovens foram hospitalizados na ocasião com suspeita de problemas decorrentes da ingestão do comprimido.

"A maior parte das pessoas que frequentam o local toma algum tipo de droga. É raro você encontrar alguém que não usa nada em uma rave. Quem tem o hábito de ir sempre tem algum conhecido que vende", disse

um dos jovens. O chefe do Comando de Policiamento Especializado da Polícia Militar, o coronel Sandro Teatini, defende a proibição desse tipo de festa na cidade por acreditar que a realização desses eventos faz apologia às drogas. Segundo ele, a PM só atua no patrulhamento quando a organização solicita o emprego de militares na segurança.

"Já infiltramos nossos policiais em algumas festas para identificar usuários de drogas e apreendê-los. Mas nem sempre somos acionados. Os pais não deveriam deixar seus filhos comparecerem nesse tipo de local", advertiu Teatini. Para o delegado chefe da Divisão de Tóxicos da Polícia Civil, Wanderson Gomes da Silva, é preciso um maior envolvimento dos variados agentes públicos para intervir na prevenção. "Esse trabalho não é só da polícia. As esferas municipais que liberam os alvarás para a realização da festa precisam ter suas responsabilidades com o que acontece lá dentro", disse. (FP)

ENTENDA UM POUCO MAIS SOBRE O ECSTASY

Substância que foi fabricada pela primeira vez em 1914 como moderador de apetite (remédio para emagrecer). Mas não apresentou bons efeitos. Cada comprimido possui quantidades variáveis de impurezas

Como é?

É um comprimido redondo, de várias cores, tamanhos e desenhos. Há também sob a forma de cápsulas gelatinosas e em pó

Por que as pessoas usam?

Para ficarem "ligadas" na festa

Resultados do uso continuado

A pessoa pode desenvolver complicações hepáticas (insuficiência e icterícia). Pode também ter problemas cardíacos devido aos constantes aumentos da pressão do sangue e dos batimentos do coração. O usuário tende a perder peso. Podem surgir transtornos psiquiátricos e lesões cerebrais. Há evidências científicas de que a droga destrói neurônios

O que o ecstasy faz no corpo?

A temperatura corporal sobe bastante, podendo ir acima dos 40°C, o que é muito perigoso. Ocorre aumento dos batimentos cardíacos e da pressão arterial. Com frequência, pode ocorrer desidratação

Quais os efeitos após uma dose?

A droga associa efeitos alucinógenos com estimulantes. Chama a atenção o aumento do desejo de se comunicar, mas até hoje é discutida a existência real desse efeito

Causa dependência?

Sim. Há casos de dependência

Age sobre a atividade sexual?

A substância foi rotulada como "droga do amor", o que não é verdade. Essa substância não aumenta a excitação nem o desejo sexual. O que parece ocorrer é que as pessoas ficam mais sociáveis, passando a se tocar mais

Não se sabe a proporção de usuários no Brasil. Suspeita-se que o consumo tenha

crescido

principalmente entre jovens da

**classe média,
média alta e alta**